

Os ricos saíram mais otimistas

por Peter Norman
do Financial Times

A reunião anual conjunta do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial terminou ontem sob um clima de otimismo. Os articuladores políticos dos países industrializados parecem cada vez mais convencidos de que a disseminação de políticas econômicas voltadas ao mercado em todo o mundo e a nova revolução industrial, vinculada ao uso da informática, poderão estar criando uma nova era de firme crescimento.

No entanto, a convicção de que a década de 90 poderá ser uma "Idade do Ouro" para o mundo desenvolvido realça ainda mais o contraste com os problemas dos países em desenvolvimento mais pobres ou fortemente endividados. O assessor especial do presidente francês, François Mitterrand, Jacques Attali, resumiu a opinião de muitos ao afirmar, em um seminário sobre a economia mundial, que "nós estamos no início de um longo período de crescimento mundial".

De acordo com Jacob Frenkel, chefe do departamento de pesquisas do FMI, o crescimento médio potencial é atualmente de quase 3%, cerca de 1 ponto percentual acima da média dos anos 70.

DESAFIOS DA DÉCADA

Esse tom otimista levou o presidente do Banco Mundial, Barber Conable, a recordar na reunião do FMI

que "as necessidades de desenvolvimento nos anos 90 serão enormes". O mundo, advertiu, "terá de vencer a estagnação na África, superar a paralisia da dívida na América Latina e outras partes, oferecer crescimento e esperança às centenas de milhões de asiáticos pobres, colaborar na reforma e renovação de países que estão saindo de economias de planejamento centralizado e reverter a degradação dos recursos naturais dos países em desenvolvimento".

A despeito do florescente comércio mundial, os oito anos de crescimento no mundo industrializado não levaram a uma recuperação de muitos países em desenvolvimento. A diferença cada vez maior entre países ricos e pobres poderá, dessa forma, tornar-se a questão central no planejamento das políticas econômicas na próxima década.

A lista de infortúnios enfrentada pela Polônia é típica de muitos países. Ao revelar seu dramático plano para levar o país a uma economia orientada pelo mercado, o ministro das Finanças polonês, Leszek Balcerowicz, advertiu que os padrões de vida médios do país estão abaixo dos existentes há dez anos, acrescentando que o número de pessoas vivendo abaixo da linha de pobreza tem aumentado fortemente. A crise ecológica em algumas partes do país é catastrófica. A hiperinflação ameaça a estabilidade social, enquanto a produção industrial continua caindo.

As políticas econômicas de livre mercado foram extremamente úteis para impulsionar o bem-estar econômico nos países industrializados. Mas consistem um mestre muito severo. A medida que os países industrializados continuarem a crescer, se tornará cada vez mais difícil para que os países devedores os acopanhem. Em termos de Produto Nacional Bruto, a economia japonesa já supera a da África. A economia alemã ocidental é maior que a da Índia, cuja população é dez vezes maior.

POUCA COISA PARA OS POBRES

Mesmo assim, a reunião deste ano ofereceu poucas coisas aos pobres. O plano de redução da dívida do secretário do Tesouro, Nicholas Brady, está enfrentando sérios problemas para sua implementação. Também há pouca disposição por parte dos governos para estender os denominados dispositivos de Toronto para o alívio da dívida oficial a países pobres, fora da África. Os Estados Unidos bloquearam o fornecimento de novos fundos para a Associação Internacional de Desenvolvimento, agência de créditos a juros baixos do Banco Mundial, que fornece financiamento subsidiado para os países em desenvolvimento mais pobres (ver matéria acima).

É motivo de discussão se a brecha nos padrões de vida entre o mundo industrializado e os países em desenvolvimento poderá continuar sem ocasionar uma ruptura social. As informa-

ções cruzam as fronteiras nacionais mais rápido que nunca, aumentando as expectativas e esperanças e motivando um aumento na emigração das nações pobres para os países industrializados. Países com graves dificuldades econômicas podem enfrentar sérios problemas de ordem pública. Balcerowicz, por exemplo, salientou que as dificuldades — inevitáveis sob o programa de reforma econômica do novo governo polonês — poderão solapar o apoio da população ao governo, criando condições sociais potencialmente explosivas.

Um aspecto positivo das discussões é que questões de longo prazo, como as mudanças demográficas, começaram a ser incluídas na agenda dos planejadores políticos dos principais países industrializados.

INTERDEPENDÊNCIA

Após vários anos nos quais a coordenação de políticas parecia estar centralizada na administração da crise, os debates deste ano também abordaram questões mais amplas, como o baixo nível de poupança em termos mundiais e a consequente ameaça de uma escassez de recursos para investimentos.

Mas houve também um claro entendimento de que a cooperação política, embora essencial em um mundo interdependente, não substitui políticas econômicas nacionais sólidas. E isso é ainda mais verdade no mundo em desenvolvimento, onde muitos países ainda têm de atacar a corrupção e a ineficiência.